

## A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E A PRÁXIS PEDAGÓGICA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE

Autora:

Francisca Claudivânia Gomes Martins  
Graduanda da Universidade Estadual do Ceará  
[claudivaniamartins@yahoo.com.br](mailto:claudivaniamartins@yahoo.com.br)

Co-autora:

Vitória Régia Candéa Florêncio  
Graduanda da Universidade Estadual do Ceará  
[vitoriarcf@gmail.com](mailto:vitoriarcf@gmail.com)

Co-autor:

Flávio Muniz Chaves  
Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará  
[flavioufc2@gmail.com](mailto:flavioufc2@gmail.com)

Co-autor:

Francisco Cardoso de Brito  
Graduando da Universidade Federal do Ceará  
[fcardosob@hotmail.com](mailto:fcardosob@hotmail.com)

### Resumo

O presente artigo tem como abordagem uma discussão sobre o livro Pedagogia do Oprimido, tendo como autor Paulo Freire, que apesar de ter sido escrito no século XX permanece trazendo relevantes contribuições, na perspectiva educativa e social, para os pedagogos e também para aqueles que procuram compreender o comportamento, o íntimo, o que está além do visível em um ser. Este artigo é uma pesquisa de cunho qualitativo e tem como metodologia o estudo bibliográfico. O mesmo tem como objetivos refletir sobre os conceitos de opressor e oprimido, ressignificar o processo educativo atual e definir a educação libertária. Paulo Freire não é somente o patrono brasileiro da educação, ele é um pensador da educação brasileira que conseguiu compreender e lutar por um país melhor a partir dos oprimidos. Pensar em Paulo Freire é pensar em uma possibilidade concreta de uma realidade educativa com grandes chances de inclusão social.

**Palavras Chave:** Pedagogia; Oprimido; Educação; Paulo Freire.

### Resume

This article is to approach a discussion about the book Pedagogy of the Oppressed, with the author Paulo Freire, who despite having been written in the twentieth century remains bringing outstanding contributions in the educational and social perspective, for educators and for those seeking understand the behavior, the intimate, which is beyond the visible into a being. This article is a qualitative research and its methodology the bibliographical study. The same aims to reflect on the concepts oppressor and oppressed, reframe the current educational process and set the libertarian education. Paulo Freire is not only the patron of Brazilian education, it is a thinker of Brazilian education that could understand and fight for a better country from the oppressed. Think

of Paulo Freire's thinking of a real possibility of an educational reality with great chances of social inclusion.

**Keywords:** Education; Overwhelmed; Education; Paulo Freire

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como abordagem uma discussão sobre o livro *Pedagogia do Oprimido*, tendo como autor Paulo Freire, que apesar de ter sido escrito no século XX permanece trazendo relevantes contribuições, na perspectiva educativa e social, para os pedagogos e também para aqueles que procuram compreender o comportamento, o íntimo, o que está além do visível em um ser.

O livro foi baseado na experiência que o autor teve ao ensinar adultos a ler e escrever, este é um dos livros freireanos mais conhecido e considerado por muitos uma leitura indispensável para todos aqueles que são educadores.

De acordo com alguns sites e autores a primeira publicação de *Pedagogia do Oprimido* aconteceu em 1968 quando o autor estava exilado no Chile. O livro foi traduzido para mais de quarente (40) idiomas (Portal Aprendiz, 2008).

Os capítulos a serem apresentados nesse artigo são: 1. Justificativa da pedagogia do oprimido; 2. A concepção "bancária" da educação como instrumento da opressão. Seus pressupostos, sua crítica; 3. A dialogicidade: essência da educação como prática da liberdade e 4. A teoria da ação antidialógica, os quais serão abordados a seguir.

## METODOLOGIA

Este artigo é uma pesquisa de cunho qualitativo e tem como metodologia o estudo bibliográfico.

Sua abordagem é qualitativa devido a essas características que Oliveira (2014, p.37) apresenta “[...] um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

A metodologia adotada foi o estudo bibliográfico. Essa metodologia tem a seguinte abordagem “A pesquisa bibliográfica é uma modalidade de estudo e uma análise de documentos de domínio científico tais como livros, enciclopédias, periódicos,

ensaios críticos, dicionários e artigos científicos.” (OLIVEIRA apud SANTOS, 2014, p. 69) e tem como finalidade o contato direto com todos os tipos de fontes que estudaram a temática (OLIVEIRA, 2014)

Esses contatos com a obra *Pedagogia do Oprimido* e outros textos que fundamentam o artigo foram de extrema importância para poder compreender e suscitar questionamentos com relação aos conceitos de opressor e oprimido na sociedade brasileira da época referida por esse autor estudado.

### **LIVRO PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: O ANTIGO SE FAZENDO NOVO**

Neste livro o autor traz a importância de uma pedagogia libertadora, que tem como foco a libertação dos oprimidos frente aos opressores, de uma pedagogia que transforma um ser passivo em um ser reflexivo, que transforma sua realidade e a realidade de outros, a pedagogia que faz com que um ser compreenda sua importância para a humanidade.

A abordagem do primeiro capítulo o autor destina para se debruçar sobre questões relacionadas aos opressores e oprimidos, no segundo ele aborda questões relacionadas a “educação bancária”, no terceiro ele traz a educação como prática da liberdade e no último ele aborda a teoria da ação antidialógica.

A temática principal que se apresenta nas primeiras páginas é a liberdade. No cotidiano acredita-se que todas as pessoas são livres. Esse direito está garantido em lei, entretanto Freire inicia suas palavras afirmando que além das pessoas não serem livres, elas têm medo da liberdade.

Quando o autor conceitua a liberdade, ele a trata como mais que um direito constitucional, mas como uma liberdade de pensamento, de consciência.

Raro, porém, é o que manifesta explicitamente este receio da liberdade. Sua tendência é, antes, camuflá-lo, num jogo manhoso, ainda que, as vezes, inconsciente. Jogo artificioso de palavras em que aparece ou pretende aparecer como o que defende a liberdade e não como o que a teme. (FREIRE, 1987, p. 24)

Com a busca e descoberta da consciência crítica, descobre-se também as injustiças e a realidade de um mundo onde existem opressores e oprimidos.

Opressores são àqueles que oprimem e oprimidos são àqueles que sofrem a opressão.

Freire afirma que dentro de cada pessoa oprimido existe um opressor e para que seja construída a pedagogia da libertação se faz necessário que o oprimido tenha consciência que existe um opressor dentro dele para quando deixar de ser um oprimido não se tornar um opressor, ou seja,

O grande problema está em como os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestação da desumanização. (FREIRE, 1987, p. 32)

Assim que os oprimidos se percebem na situação de oprimidos, a maioria deles, ao invés de buscarem a libertação, se tornam opressores ou subopressores; Freire nomeia essa situação de “aderência ao opressor”, é como se, para o oprimido se reconhecer como tal ele precisa se identificar como oprimido e ao outro como opressor, quando ele sai da posição de oprimido só lhe resta ser opressor. Oprimido e opressor estão na mesma pessoa, ele precisa compreender que carrega dentro de si dois conceitos antagônicos, o que causa internamente uma batalha entre ser ele mesmo ou ser os dois, o oprimido e o opressor.

Com a superação desse grande dilema, nasce o que o autor chama de “homem novo”, um homem que nem é oprimido, nem é opressor, mas sim um homem liberto da opressão interna.

A busca pela liberdade é uma busca árdua e duradora. Tanto o oprimido quanto o opressor têm medo dela. O oprimido tem medo de assumir sua liberdade, porque junto com ela vêm a conscientização que ele é oprimido e, ou ele faz algo para mudar essa situação e se tornar livre ou permanece no status de oprimido. Quanto ao opressor, o medo da liberdade surge porque o mesmo tem medo de perder a liberdade de oprimir que ele possui.

A liberdade do opressor somente é verdadeira quando este realmente se solidariza com a situação do outro e não o faz oprimido.

O opressor só se solidariza com os oprimidos quando o seu gesto deixa de ser um gesto piegas e sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor àqueles. Quando, para ele, os oprimidos deixam de ser uma designação abstrata e passam a ser os homens concretos, injustiçados e roubados. Roubados na sua palavra, por isso no seu trabalho comprado, que significa a sua pessoa vendida. Só na plenitude desse ato de amar, na sua existência, na sua práxis, se constitui a solidariedade verdadeira. [...]. (FREIRE, 1987, p. 36)

Em seguida Paulo Freire aborda o conceito de educação como instrumento de opressão, O autor descreve o método tradicional do processo de ensino aprendizagem onde o professor é aquele que detém o conhecimento e o aluno é aquele que recebe esse conhecimento pronto e acabado. Ele fala sobre o processo de ensino como aquele caracterizado apenas pela oralidade, onde o professor fala o conhecimento e os alunos escutam para decorar e reproduzir futuramente, mas fazem isso sem associar nenhum significado para aquilo que está sendo dito pelo professor e repetido por eles. Freire esclarece que esse processo faz dos alunos “vasilhas” ou “depósitos” para serem “enchidos” pelos educadores. “Dessa maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os “depósitos” e o educador o depositante” (Freire, 1987, p. 58).

Surge então, o que o autor denomina de educação bancária, uma educação que torna o aluno um arquivo de conhecimentos erradamente não questionados, tornando, assim, tanto educadores quanto educandos arquivos vivos de informações.

[..] Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. [...]. (Freire, 1987, p. 58).

Nessa visão de educação bancária aqueles que se julgam sábios doam seus conhecimentos para àqueles que julgam não saber de nada. Os educadores se mantêm em uma posição de opressor e os educandos, oprimidos, ou seja, o educador é o opressor, pois é ele quem possui o conhecimento que será passado para os educandos e

os educandos são oprimidos, pois não podem interagir com o conhecimento passado para eles. Na medida em que a educação bancária se faz mais presente na vida do educando, este fica mais desestimulado e passivo atendendo assim os comandos dos professores.

Entretanto, o homem é um ser pensante, por isso existe a grande possibilidade dele perceber esse jogo que está vivendo e se rebelar contra ele, lutando pela sua liberdade.

A partir dessa conscientização a superposição dos homens sobre os homens não será mais uma tarefa tão fácil, pois eles serão mais críticos em seus pensamentos e ações. Todavia essa é uma realidade que os opressores não querem que os oprimidos alcancem, por isso frustram os homens não permitindo que eles atuem como seres sujeitos de suas ações, sujeitos que possuem opção de agir diferente.

Diferente da educação bancária, o autor traz a educação libertadora, que busca educar o homem na ação e reflexão sobre o mundo. Nesse sentido a educação bancária deixaria de existir, dando lugar a uma educação problematizadora, uma educação que acredita na capacidade de conhecer e interagir com esse conhecimento criticamente fazendo com que ele não seja o resultado final dele mesmo, mas sim, mediador de conhecimentos.

Nas palavras do autor...

[...] a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. [...] (FREIRE, 1987, p. 68) (grifos do autor).

A busca por conhecimentos e a superação da educação bancária, tornando a educação uma educação dialógica, fazendo do educador aquele que educa enquanto também é educado e do educando aquele que é educado e que também educa. É essa a proposta para uma educação libertadora.

O diálogo é algo fundamental na pedagogia libertadora, pois é a partir dele que surgem as palavras. Palavras estas que Paulo freire nomeia de “palavra verdadeira”, pois é a partir delas que irá acontecer uma real mudança do ser no mundo e

do próprio mundo. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (Freire, 1987, p. 78). A “palavra verdadeira” é aquela que se faz de forma reflexiva e dialógica com outras pessoas, elas surgem com a intenção do ser em mudar sua realidade.

Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isso, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la *para* os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. (FREIRE, 1987, p. 78) (grifos do autor)

O diálogo realizado com a finalidade de mudança só pode e vai acontecer entre pessoas que realmente acreditam umas nas outras, que acreditam e confiam na sua condição de mudança, de fazer e se refazer perante suas realidades. Aqueles que se acham autossuficientes não estão aptos a possuir esse diálogo que Freire apresenta, pois eles não possuem fé em seus pares, não acreditam que eles possam agir e pensar diferente do que fazem. Segundo o autor sem essa característica de ter fé no outro, o diálogo se tornará uma grande farsa, na qual um tentará manipular o outro.

Na educação, esse diálogo deve começar a partir da escolha do tema gerador, pois nesse momento não só os educadores devem ter voz, mas também os alunos devem se posicionar. A escolha do tema é um momento importante, pois será a partir dele que surgirão outros assuntos. É também importante que esse tema gerador faça parte do mundo dos educandos para que o tema não fique alheio ao que eles anseiam, às suas dúvidas e esperanças. “Será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da educação ou da ação política” (Freire, 1987, p. 86). No momento que o tema gerador for escolhido e o diálogo sobre ele começar, irão surgir novos questionamentos e debates, nesse momento o educador estará presente para realizar mediação entre as reflexões dos educandos levantando questões problemas para fazer com que os educandos reflitam e se posicionem sobre o assunto abordado.

Freire traz a importância que um ser tem na vida do outro, que por mais opressor que seja, precisa do outro para oprimir e por mais livre que seja precisa do outro para ouvir, ser ouvido, refletir e agir.

A teoria antidialógica, opressora, faz uso de várias estratégias para continuar com o poder de oprimir. Ela possui uma busca exagerada pela conquista. “[...] Nas suas relações com o seu contrário, o que pretende é conquista-lo, cada vez mais, através de mil formas. Das mais duras às mais sutis. Das mais repressivas às mais adocicadas, como o paternalismo” (Freire, 1987, p. 135), ou seja, é capaz de tudo para, continuar mantendo seu poder ou status.

Divisão, manipulação e invasão cultural são algumas estratégias que os opressores e simultaneamente a teoria antidialógica utilizam para continuar no comando da situação.

É preciso dividir o povo para não ter risco que eles pensem e se percebam oprimidos e tenham condições de buscar sua liberdade, pois se eles se juntarem se tornarão perigosos para aqueles que oprimem.

Com essa divisão se torna mais fácil os opressores terem controle sobre os oprimidos, pois dificultará que estes se comuniquem e quanto mais distante mais fácil de aliená-los e controlá-los. Frente uma ameaça à classe dos opressores, mesmo com interesses divergentes entre si, eles se juntam para não permitir que os oprimidos se posicionem contra o que eles querem.

A manipulação é outra estratégia indispensável para os opressores se manterem no poder.

A manipulação aparece como uma necessidade imperiosa das elites dominadoras, com o fim de, através dela, conseguir um tipo inautêntico de “organização”, com que evite o seu contrário, que é a verdadeira organização das massas populares emersas e emergindo (Freire, 1987, p. 145)

Os opressores fazem com que os oprimidos acreditem que eles vivem como seres livres, que possuem toda condição necessária para saírem da posição que estão e adquirirem o status de poder, ou ainda pior, privam os oprimidos de pensarem, fazendo com que estes sejam completamente alienados.

Para os oprimidos saírem desse status o autor esclarece que se faz necessário que o povo adquira ou aperfeiçoe a “consciência revolucionária” ou “consciência de classe”.

E por fim a invasão cultural, que acontece quando os opressores impõem aos oprimidos sua visão de mundo, privando-os de viverem sua realidade cultural para viverem o que os opressores querem que eles vivam, inibindo a criatividade e propagação de uma visão diferente.

A invasão cultural, que serve à conquista e a manutenção da opressão, implica sempre a visão focal da realidade, a percepção desta como estática, a superposição de uma visão do mundo na outra. A “superioridade” do invasor. A “inferioridade” do invadido. A imposição de critérios. A posse do invadido. O medo de perdê-lo.

A invasão cultural implica ainda, por tudo isso, que o ponto de decisão da ação dos invadidos está fora deles e nos dominadores invasores. E, enquanto a decisão não está em quem deve decidir, mas fora dele, este apenas tem a ilusão de que decidiu. (FREIRE, 1987, p. 158) (grifos do autor)

Em contrapartida o autor traz a teoria da ação dialógica, que remete aos oprimidos. Os elementos desta teoria são a colaboração, união, organização e cultura.

A colaboração é caracterizada por o *eu* entender que depende do *tu*, e o *tu* depende do *eu*. Não existe, portanto, na teoria dialógica um dominador e um dominado, mas sim uma massa de pessoas que interagem entre si com o propósito de refletir sobre algo para posteriormente agir de acordo com sua reflexão. Entretanto, o autor esclarece que isso não significa que não deva existir líderes revolucionários, significa apenas, que por mais que exista liderança esta não é proprietária das massas, é uma auxiliar para a organização dela.

Para os opressores continuarem no poder eles precisam dividir os oprimidos, em contrapartida para os oprimidos serem livres precisam se unir. O autor coloca a união como um dos elementos da ação dialógica libertadora. Se faz necessário que a massa de oprimidos se una em um único objetivo para se juntarem e ficarem fortes e consigam chegar nele. “Significando a união dos oprimidos, a relação solidária entre eles não importam os níveis reais em que se encontrem como oprimidos, implica também, indiscutivelmente, consciência de classe”. (Freire, 1987, p. 173). Para que

aconteça essa consciência é necessário que os oprimidos se libertem da falsa realidade de liberdade que os opressores os fazem acreditar.

Quanto à organização, o autor coloca que ao buscar a união eles já estarão em processo de organização. “É importante, porém, salientar que, na teoria dialógica da ação, a organização jamais será a justaposição de indivíduos que, gregarizados, se relacionem mecanicistamente”, (Freire, 1987, p. 176) claro que para que haja organização devem existir, objetivos, ordem, disciplina e decisão, mas tudo isso deve ser realizado de forma democrática dando direito de voz para todos.

Por último a cultura, que é colocada de forma democrática onde uma não deve se contrapor a outro, deve existir respeito entre elas. Para chegar à liberdade dos oprimidos eles devem conhecer a síntese da cultura do outro e esta serve para a organização.

Freire conclui esse livro criticando a pedagogia antidialógica, na qual visa manipular, aprisionar e dominar os oprimidos.

Destaco, portanto com as palavras do autor que diz: “*Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo*” (Freire, 1987, p. 68)

Ao finalizar a explanação do livro pôde-se perceber o quanto seu conteúdo ainda se faz presente na sociedade. Espera-se que o acesso a este trabalho contribua para que cada indivíduo entenda um pouco mais quanto às implicações de viver em uma sociedade desigual e compreenda a importância de ouvir, assimilar e responder adequadamente para não ser oprimido, nem se tornar um opressor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Paulo Freire não é somente o patrono brasileiro da educação, ele é um pensador da educação brasileira que conseguiu compreender e lutar por um país melhor a partir dos oprimidos. Os excluídos foram o seu público alvo para lhes apresentar uma educação crítica e política na sua essência.

Ao apresentar os conceitos de opressor e oprimido, o autor mostra o quanto o seu país, o Brasil, ainda tem que melhorar como nação que sempre excluiu seu povo. A educação pública brasileira ainda é recente, perante seus mais de quatrocentos (400) anos de atraso educativo. As elites brasileiras ainda dominam e injetam sua ideologia excludente. A escola pública é vista como deficitária e incapaz de ensinar. Todas essas questões fazem parte do processo opressor da elite nacional.

Repensar a educação brasileira na perspectiva freireana é mais que conceituar opressor e oprimido. Seria um avanço libertário de uma esmagadora população que vive a margem dos direitos humanos. Pensar em Paulo Freire é pensar em uma possibilidade concreta de uma realidade educativa com grandes chances de inclusão social.

#### **Referências:**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 6ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

**Pedagogia do oprimido completa 40 anos. 2008.** Portal Aprendiz. Disponível em: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/content/guprispissw.mmp>> Acesso em 28/03/15.